

O riso de Demócrito na tradição literária

Francisco Jose da Silva
Prof. Mestre em Filosofia/UFC Cariri

Introdução

O riso é, juntamente com o choro, uma das expressões mais propriamente humanas, as quais nos distinguem dos outros animais. Entre as várias formas de riso, desde o riso humorístico, ao irônico, o sarcástico, o trágico, o riso filosófico talvez seja um dos que ainda não teve suas características devidamente estudadas.

Em relação à questão do riso, destacamos uma das figuras emblemáticas da antiguidade, Demócrito de Abdera (séc. V a.C.), do qual se diz que de tudo ria, em oposição a Heráclito de Éfeso (séc. VI a.C.), que de tudo chorava. Demócrito se destaca por ser também uma figura enigmática, um homem além do seu tempo, que tinha um saber enciclopédico e estabeleceu as bases do chamado atomismo filosófico. O atomismo é atribuído a Leucipo, mas é Demócrito a figura a quem ficou ligada essa doutrina, que consiste na idéia de que todas as coisas, mesmo a alma, são compostas de partículas minúsculas e indivisíveis, os átomos (do grego *a + tomos*, sem-partes). O atomismo parece ser uma doutrina que assume as idéias de Empédocles, para quem as coisas são compostas por elementos básicos (neste caso, os quatro elementos) e, ao mesmo tempo, que esses elementos são indivisíveis e imutáveis, como pensava Parmênides (séc. VI a.C.) em relação ao Ser.

Entre os pré-socráticos, Demócrito é aquele do qual restaram mais fragmentos, mas falta-nos ainda entender esse aspecto particular de sua personalidade, que diz respeito a seu riso, marca inconfundível de sua maneira de entender a vida. Veremos em alguns textos como se apresenta o riso de Demócrito, muitas vezes contraposto às lágrimas de Heráclito, como formas opostas de entender o mistério da existência.

O riso de Demócrito

Entre as referências ao riso de Demócrito na tradição literária e filosófica, podemos citar entre os antigos Juvenal, Sêneca (na obra *Da tranquilidade da alma*), além de um texto do pseudo-Hipócrates, *Sobre o riso e a loucura* (entre o séc. I a.C e I d.C.); já na modernidade há uma fabula, “Demócrito e os abderitas”, de La Fontaine, um ensaio intitulado “Demócrito e Heráclito”, de Montaigne (*Ensaíes*) e o sermão de padre Antonio Vieira, “As lágrimas de Heráclito”, que na verdade é uma contraposição ao riso de nosso filósofo.

A grande discussão a respeito desses dois filósofos, Demócrito e Heráclito, tem como fundamento saber qual dos dois estaria com razão, se o primeiro que ria da condição humana, e por isso foi considerado louco por seus conterrâneos, ou o segundo que chorava da miséria humana. Interessante observar que um dos fragmentos de Demócrito mostra-se muito semelhante às ideias professadas por Heráclito; diz ele: “O mundo é mudança; a vida, opinião”. Entre os pensadores e escritores citados, uma maior parte parece estar de acordo com a postura de Demócrito, que ria da condição humana, algo semelhante à jocosidade de Diógenes, o cínico, que troçava dos cidadãos de Atenas, de forma irônica e até mesmo sarcástica, mas sempre com muito humor.

Ao referir-se à condição humana e suas mazelas, assim manifesta-se Sêneca, em seu texto *Da tranquilidade da alma* (*Ad serenum de tranquillitate animi*), ao referir-se aos dois filósofos citados nos diz:

Assim devemos aplicar-nos a não considerar odiosos, mas ridículos, os vícios dos homens e a imitar Demócrito antes que Heráclito: este não podia aparecer em publico sem chorar, o outro sem rir, um não via a não ser a miséria em todas as ações dos homens, o outro só tolices. Aceitemos, pois, todas as coisas superficialmente e suportemo-las com bom humor: pois está mais em conformidade com a natureza humana rir-se da existência do que lamentar-se dela (Sêneca, 1973, p. 221).

É clara a preferência do filósofo Sêneca pelo riso democritiano, muito embora apresentem-se geralmente os estoicos como filósofos austeros e sisudos, avessos à jocosidade e mais preocupados em suportar as mazelas de nossa condição. O bom humor dos pensadores antigos é muitas vezes esquecido, basta lembrar que as anedotas citadas por Diógenes Laércio, em sua obra sobre os filósofos ilustres, são colocadas à margem nas pesquisas sobre o pensamento dos filósofos gregos, quando na verdade elas representam formas ilustrativas de tipificar determinadas características das filosofias estudadas por ele.

Posteriormente o texto *Sobre o riso e a loucura*, do pseudo-Hipócrates (que aparece pela primeira vez em Florença, em 1486), pretende ser uma tentativa de explicar o porquê da aparente loucura (mania) do filósofo de Abdera, que passou a rir de tudo à sua volta, sem razão aparente. A obra constitui-se numa série de cartas, nas quais o famoso médico grego é convidado pelos abderitas a cuidar de seu cidadão mais ilustre.

A doutrina médica de Hipócrates relaciona-se à ideia de que a saúde é o resultado de diversos fatores e o médico deve conhecer o ambiente e as circunstâncias em que determinado povo vive para diagnosticar determinadas patologias. É celebre seu aforismo: “a vida é curta, a arte é longa, a ocasião fugidia, a experiência enganadora, o julgamento difícil” (Hipócrates, 1959, aforismo 1, p. 23). A medicina é uma técnica ou arte (*tekhnê*) que busca uma compreensão intermediária entre *physis* e *nomos*, na diagnose das doenças. À primeira vista a aparente razão do acesso de riso do filósofo parece ser a loucura (mania), mas aos poucos o médico passa a reconhecer na sua atitude uma forma de denunciar a insanidade da vida seguida pelos abderitas, a ambição das riquezas, a entrega aos prazeres, etc.

Em seguida eu disse: “De que ris, Demócrito? Das coisas boas ou das más?” E ele, por outro lado, ria ainda mais forte, enquanto os abderitas o observavam, uns reprovando sua atitude com a cabeça e com a expressão, outros arrancando os cabelos. Como disseram, o riso dele era muito extravagante, muito distante do usual. E eu repliquei: “Ó Demócrito, o

melhor dos sábios, desejo entender a causa da sua afecção e por que eu pareci risível a ti” [...] Ele me olhou de forma penetrante e disse: “Tu achas que há duas razões para o meu riso, uma boa e uma má, mas na verdade eu rio de uma só coisa relativa à humanidade, a falta de razão que preenche o homem, ou em outras palavras, a vacuidade que há nas suas ações corretas, nos seus desejos pueris na inutilidade de seus sofrimentos infundáveis...” (Hipócrates, 2011, p. 52-3).

Após o diálogo com o filósofo, Hipócrates conclui que este estaria tomado de outro mal, a melancolia (a bÍlis negra),¹ uma espécie de tristeza que leva o indivíduo ao abandono do convívio social. Na verdade, os abderitas não percebem que são eles que na verdade estão em estado patológico e doentio, na medida em que não reconhecem a loucura em que eles mesmos vivem, ao não valorizarem a virtude e a vida austera, que é apontada como ideal pelo filósofo Demócrito.²

Na modernidade, alguns autores resgataram a célebre tradição de Demócrito e Heráclito, para apontar as atitudes opostas a que o sábio pode assumir, alguns tomam o partido de Demócrito e outros de Heráclito. A tradição sobre o riso de Demócrito permanece ainda entre os modernos, destes podemos citar La Fontaine, Montaigne e o padre Antonio Vieira.

Entre as fábulas de Jean de La Fontaine (1621-1695), muitas das quais são uma releitura poética daquelas de Esopo, encontramos uma fábula que trata da loucura de Demócrito, *Demócrito e os abderitas (Democrite et lês abderitains)*.

Pensamento do povo! Eu odeio-os.
Como o vulgo é profano, injusto e temerário!
Olha tudo através de falsos meios.
Mede todos por si, com padrão ordinário.

O mestre de Epicuro esse fato observou.
A pátria o supôs louco. Estupidez! Porém,
Profeta em sua terra inda não foi ninguém.
O povo é que era louco; o mestre era sábio.

Mas teve força o erro e assim Abdera enviou
A Hipócrates agentes e o chamou
Para vir restaurar a razão do demente.
Demócrito, diziam tristemente,

Está perdendo o gênio: a leitura o arruinou.
Antes fosse ignorante; assim seria amado.
Diz que não tem limite o número dos mundos,
Que os habitam, nos espaços profundos (La Fontaine, 1978, p. 346-8).

Nos *Ensaio*s de Montaigne, encontramos mais uma referência sobre o riso de Demócrito, neste caso em confronto com as lágrimas de Heráclito. Montaigne, como bom cético e conhecedor da natureza humana, prefere o riso de Demócrito às lágrimas de Heráclito, por saber que o desdém daquele é preferível à piedade deste.

1. Sobre a concepção de melancolia dos antigos ver no texto de Aristóteles, *O homem de gênio e a melancolia*, o problema XXX.

2. Tais relações entre medicina, comportamento e loucura lembram a obra *O alienista*, de Machado de Assis.

Demócrito e Heráclito eram dois filósofos. O primeiro, achando que a condição humana é vã e ridícula, apresentava-se sempre em público a rir e motejar. Heráclito, tomado de piedade por essa mesma humanidade, andava permanentemente triste e de lágrimas nos olhos: “Logo que punham o pé fora de casa, um ria e outro chorava”. Prefiro o primeiro, não porque seja mais agradável rir do que chorar, mas porque sua atitude é testemunha de seu desdém, porque ela nos condena mais do que a outra e acho que nunca podemos ser desprezados quanto o merecemos (Montaigne, 1987, p. 143).

O grande escritor cristão e um dos clássicos de língua portuguesa, padre Antonio Vieira, SJ, escreveu seu “Sermão sobre as lágrimas de Heráclito” como forma de responder à questão proposta pela Academia de Roma no ano de 1674, no sentido de esclarecer quem teria razão, se Heráclito que de tudo chorava ou Demócrito que de tudo ria. O padre Vieira assume a causa de Heráclito, enquanto coube ao padre Jerônimo Caetano, também jesuíta, a causa de Demócrito.

Padre Antonio Vieira, como já dito, defende a causa de Heráclito, o choro, fazendo com que o riso de Demócrito seja na verdade uma outra forma de chorar. Ao rir de tudo, Demócrito na verdade de nada ri, e dessa forma chora de tudo.

Que Demócrito não risse eu provo: Demócrito ria sempre; logo nunca ria. A consequência parece difícil, e é evidente. O riso, como dizem todos os filósofos, nasce da novidade e da admiração, e cessando a novidade, cessa também o riso; e como Demócrito se ria dos ordinários desconcertos do mundo, e o que é ordinário, e se vê sempre, não pode causar admiração nem novidade, segue-se que nunca ria rindo sempre, pois não havia matéria que lhe motivasse o riso (Vieira, 1957, p. 49).

Mais adiante ele diz ainda:

Os meninos riem-se muito facilmente, e os loucos sempre se riem; e diz Aristóteles que os meninos se riem porque têm pouco siso, e os loucos porque de todo o não têm, e eu creio verdadeiramente que não faço grande ofensa a Demócrito, porque um homem que de um mundo via muitos mundos, era sinal que tinha perturbadas as espécies e enferma a fantasia, e quem se havia de mover a um tal riso? (Vieira, 1957, p. 57).

As opiniões sobre o riso de Demócrito e o choro de Heráclito se dividem e, se pudermos falar nos mesmos termos do padre Antonio Vieira, podemos dizer que, se para ele Demócrito chorava, ao estar sempre rindo, Heráclito na verdade ria ao estar sempre chorando, pois nenhum choro prolongado pode ser verdadeiro, mas na verdade dissimula, sendo antes um falso choro, pois de um extremo somos conduzidos ao extremo, como afirma a lei da *enantiodromia* professada pelo próprio Heráclito. Logo, Demócrito tem muito mais razão em rir do que Heráclito em chorar, pois seu riso é verdadeiro e evidencia o quanto são vãos os desejos humanos.

O riso da filosofia

O riso como sempre se apresenta multifacetado. Sua força desestabilizadora se expressa na forma como o riso incomoda, especialmente quando é extremado. Não seria possível pensá-lo como um problema filosófico?

Como muito bem esclarece o filósofo francês Henri Bergson, em seu ensaio *O riso*:

Chamaremos atenção para isto: não há comicidade fora do que é propriamente humano. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana. Riremos de um chapéu, mas no caso o cômico não será um pedaço de feltro ou palha, senão a forma que alguém lhe deu, o molde da fantasia humana que ele assumiu. Como é possível que fato tão importante, em sua simplicidade, não tenha merecido atenção mais acurada dos

filósofos? Já se definiu o homem como ‘um animal que ri’. Poderia também ter sido definido como um animal que faz rir, pois se outro animal o conseguisse, ou algum objeto inanimado, seria por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo homem ou pelo uso que o homem dele faz (Bergson, 1983, p. 7).

Que os filósofos têm bom humor, isso é algo incontestável, desde os antigos até os modernos, basta lembrar Diógenes (sec. IV a.C.), o cínico, deitado em seu barril, debochando do povo de Atenas, pra se ter uma idéia de que a filosofia se faz com muito bom humor. Voltaire seria outra figura de destaque ao usar a comicidade e o riso como instrumento para fazer pensar.

Ao falar em riso e bom humor, somos necessariamente levados à reflexão sobre o papel da comédia no âmbito do conhecimento humano e, de forma clara, Aristóteles assim nos define a mesma, em sua *Arte poética*:

a comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que sendo feia e disforme, não tem expressão de dor (Aristóteles, 1993, p. 33-4, 1449a 30).

“Ridendo castigat mores” (Pelo riso corrigem-se os costumes), não há dúvida sobre o caráter corrosivo que tem o riso, ele incomoda por si só e mais ainda quando é instrumento de uma crítica mordaz direcionada aos poderes constituídos. Para além da discussão sobre o riso, o ridículo e a comédia e seu papel social, vejamos a atitude de Demócrito enquanto postura filosófica, partindo de seus fragmentos a respeito da ética, os quais talvez possam nos dar um vislumbre de suas concepções morais.

Como podemos harmonizar a afirmação que Demócrito de tudo ria, ao seguinte fragmento a ele atribuído, “é coisa digna, sendo homem, não rir dos infortúnios dos homens, mas chorá-los?” (Demócrito, 1996, p. 280). Estaria o filósofo de Abdera ao lado de seu opositor Heráclito que, semelhante ao profeta Jeremias, chorava por tudo? Ou estaria ele verdadeiramente enlouquecido quando passou a rir da tragédia humana?

Apenas a filosofia pode entender os males da alma, por essa razão a tradição atribui a cura da alma de Hipócrates pela filosofia de Demócrito, este teria despertado aquele de sua incompreensão dos males da humanidade. Como ele mesmo diz: “A medicina cuida dos males do corpo, a filosofia dos males da alma” (Demócrito, 1997, DK 31). A alma livre dos males que a afligem é feliz, ela encontra seu equilíbrio, a justa medida, ideia democritiana usada posteriormente por Aristóteles em sua *Ética*.

Finalizemos com a pergunta fundamental provocada pelo abderita: Em que repousa então a felicidade ou tranquilidade?

“Pois para os homens, a tranquilidade provém da moderação no prazer e da justa medida na vida. A deficiência e o excesso provocam mudanças e grandes movimentos na alma. As almas agitadas por grandes movimentos perdem o seu equilíbrio e sua tranquilidade...” (Demócrito, 1997, DK 191).

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad... Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2. ed. Trad. Nathanael C. Carneiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DEMÓCRITO. *Fragmentos*. Trad. Paulo F. Flor et al. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).
- _____. *Fragmentos*. In: BORNHEIM, Gerd A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- HIPÓCRATES. *Sobre o riso e a loucura*. Org. e trad. Rogério Gimenes de Campos. São Paulo: Hedra, 2011.
- _____. *Aforismos*. Trad. Jose Dias de Moraes. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

LA FONTAINE, J. *Fábulas*. São Paulo: Egéria, 1978. (Vol. II).

LEITE, Priscilla G. O riso como expressão de um posicionamento na cidade: o encontro de Demócrito e Hipócrates. *Revista Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, n. 3, agosto de 2009.

MONTAIGNE, M. Demócrito e Heráclito. In: *Ensaio*. Trad. Sergio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SÊNECA, L. A. *Da tranquilidade da alma*. Trad. Giulio Davide Leoni. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).

VIEIRA, Padre Antonio. As lágrimas de Heráclito. In: *Sermões*. São Paulo: Editora das Américas, 1957. (Vol. XXIII).